



TORNAR-SE PAI: AS IMPLICAÇÕES DA REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA PARA A PATERNIDADE

DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.6020>



Camile Haslinger

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil

Cristiane Bottoli

Centro Universitário Franciscano – UNIFRA – Brasil



Resumo:

A família vem sofrendo inúmeras transformações na contemporaneidade, bem como o papel do homem/pai nesse contexto. A Reprodução Humana Assistida (RHA) pode acompanhar o desejo de tornar-se pai, sendo uma possibilidade de, efetivamente, realizá-lo; trata-se da intervenção do homem no processo de procriação natural, com o objetivo de permitir que pessoas com problemas de infertilidade e esterilidade alcancem o desejo pela parentalidade. A presente pesquisa objetivou compreender, através do tornar-se pai, qual a experiência do homem diante do processo de Reprodução Humana Assistida (RHA), buscando também entender o processo de decisão e planejamento do pai diante da RHA, investigar se houve mudanças na relação do casal durante todo o processo e identificar os desafios da função paterna no contexto de Reprodução Humana Assistida. A pesquisa foi desenvolvida sob a abordagem qualitativa e exploratória. Participaram do estudo três homens/pais que tiveram filhos fruto do processo de RHA (fertilização *in vitro*). Os dados, por sua vez, foram colhidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Os depoimentos dos participantes do estudo foram analisados pela técnica de Análise de Conteúdo. Entende-se que o homem/pai conquistou um lugar muito importante na parentalidade, constatando-se que ser pai por meio da RHA ou de forma tradicional revelam, em si, momentos de extrema ansiedade e angústia, mas a função paterna e cuidados dedicados ao filho é a mesma em ambas, conforme a literatura descreve, bem como a transmissão de valores, convocando esse pai a readaptar-se, de forma efetiva, ao seu novo lugar tanto na conjugalidade como na parentalidade.

Palavras-chave: Paternidade; Reprodução humana assistida; Parentalidade.

Introdução:

Ao longo da história, coloca-se a mãe como principal referência quando se fala em família e filhos, já que o pai se ausenta em alguns cuidados para prover a mulher e os filhos. Com o passar dos tempos, esse pai fez-se mais presente e assumindo um lugar importante de cuidado na relação com seus filhos. Essa realidade faz refletir o quão importante é a presença do pai no nascimento e crescimento de seus filhos, vivenciando, de forma mais intensa, esse lugar que lhe é designado.

Esta é a realidade da família contemporânea, em que os papéis de pai e mãe vêm sofrendo profundas transformações. A mulher conquista vários espaços dentro do contexto familiar, na sociedade e também no mercado de trabalho, e o homem ressignifica seu papel como pai, sendo visto como mais participativo e presente na vida familiar.

Com essas transformações, o homem é desafiado a encontrar novas formas de exercer e manter a função de pai, buscando, muitas vezes, estratégias para dar conta da demanda que lhe é colocada, como um sujeito com desejos e que participa ativamente na vida, planejamento e crescimento dos filhos.

Diante da família na contemporaneidade, cabe pensar também nas tecnologias que acompanham o desejo de tornar-se pai, sendo a reprodução humana assistida (RHA) uma possibilidade de, efetivamente, realizar esse desejo. Além disso, pensar no papel do pai e a forma de significar esse lugar na família, possibilita olhar para além, dando a esse homem uma condição que, por muito tempo, se buscou, uma postura mais participativa na vida e na construção da subjetividade de seu filho e nas transformações que implicam a parentalidade.

O tema pesquisado foi de um interesse da pesquisadora durante a formação em psicologia, que buscou saber qual a percepção do pai diante do processo de reprodução humana assistida, pois o gestar e o nascimento de um filho trazem a mãe como protagonista dessa etapa, sendo que ela é a responsável pelo crescimento e desenvolvimento da criança junto de seu corpo. O pai entra nesse processo como coadjuvante, geralmente, após o nascimento, como um terceiro que vem para facilitar e proporcionar o estabelecimento do vínculo mãe e bebê, provendo essa dupla em relação às necessidades básicas para o seu desenvolvimento. Pensando em uma nova forma de olhar para esse pai, e dar significados a sua importância tanto na gestação, como no nascimento e no desenvolvimento de seu filho, o protagonista, agora, foi ele, levando em consideração os desafios da paternidade na contemporaneidade diante da reprodução humana assistida. Tema este relevante para a psicologia enquanto ciência e profissão, também por abordar as múltiplas possibilidades de ser família.

Além disso, as novas tecnologias de reprodução humana assistida podem proporcionar a muitos casais inférteis, ou com alguma dificuldade em conceber ou gestar de forma natural, a realização da parentalidade e a constituição de uma família, que, por vezes, só terá sentido se existir um filho. Os motivos que levam o casal a procurar pela inseminação artificial são diversos, mas, na maioria das vezes, o objetivo final é o mesmo, o desejo de tornar-se pai e mãe.

Quando se pensa em ter um filho, muitas questões surgem para o casal, dentre elas, o lugar que essa criança ocupará na família. O planejamento de tornar-se pai e mãe deve ser compartilhado entre eles, sendo que a participação efetiva do pai contribuirá para que, além da mãe, ele também esteja unido ao filho, antes mesmo de seu nascimento.

Dessa forma, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender qual a experiência do pai diante do processo de reprodução humana assistida, levando em consideração aspectos relacionados à constituição de uma família e os desafios da paternidade na contemporaneidade, em que muitos sentimentos são manifestados com o nascimento de seu filho, gerando significados em um espaço possível de construção. Cabe ressaltar ainda a importância do tema citado para a psicologia como ciência e profissão, por ser atual e necessitar de mais estudos que embasem tal temática.

Conceituando a Reprodução Humana Assistida (RHA):

O início da utilização de técnicas de fertilização assistida no final da década de 1970 foi um dos eventos que mais surpreenderam e fascinaram a população científica e em geral, dando possibilidades de intervenção no processo de reprodução assistida e trazendo uma esperança para casais com diagnóstico de infertilidade impossibilitados de terem um filho de forma natural (MAKUCH & KAHALLE, 2009).

Segundo Travain (2012), atualmente, 25% dos casais não conseguem engravidar de maneira natural. Queiroz (2001) segue dizendo que a infertilidade pode ocorrer em função de fatores femininos, masculinos ou de ambos, estimando que, em 40% dos casos, a causa de infertilidade esteja associada à mulher, em 40% ao homem e, em 20%, a problemas do casal ou causas desconhecidas. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) consideram a infertilidade quando o casal busca pela gravidez por meio natural acerca de um ano e não obtém sucesso, estimando que 20% da população mundial tenham algum problema para engravidar. No Brasil, segundo o último censo, existem 32 milhões de casais em idade fértil, sendo que 6,5 milhões desses casais têm algum problema para ter filhos (CAMARGO, 2009).

O intenso desejo de procriação sempre se fez presente na história da humanidade e impulsionou o desenvolvimento tecnológico para solucionar o problema da infertilidade (QUEIROZ, 2001). A Reprodução Humana Assistida (RHA) é, basicamente, a intervenção do homem no processo de procriação natural, com o objetivo de possibilitar que pessoas com problemas de infertilidade e esterilidade satisfaçam o desejo de alcançar a maternidade ou a paternidade (FREITAS, SIQUEIRA & SEGRE, 2008).

De acordo com Camargo (2009), a RHA envolve um conjunto de técnicas laboratoriais de manipulação de gametas femininos e masculinos, com o objetivo de obter a gestação em casais inférteis. Essas técnicas necessitam de equipamentos e preparos especiais, juntamente com uma equipe especializada e bem treinada para a sua realização. Para Ferraz (2011), a procriação artificial surge como um meio legítimo de satisfazer o desejo efetivo de procriar, uma vez que beneficia pessoas estéreis a ter um filho de forma natural. Dessa forma, faz-se necessário apresentar as técnicas de reprodução humana assistida e suas especificidades, para melhor entender o processo que muitos casais buscam para tornarem-se pais efetivamente.

As técnicas de reprodução assistida (TRA), segundo Cavagna (2009), podem ser classificadas de baixa complexidade e alta complexidade, sendo que, nas TRA de baixa complexidade, a fecundação ocorre dentro do organismo da mulher, representada pela inseminação artificial homóloga e heteróloga. Já nas TRA de alta complexidade, a fecundação ocorre fora do organismo, formando embriões em laboratórios que, posteriormente, serão transferidos para o útero da mulher, incluindo os procedimentos de fertilização *in vitro* (FIV) com transferência de embriões, podendo ser convencional ou realizada através de injeção intracitoplasmática de espermatozoide (ICSI).

A inseminação artificial (IA) foi a primeira técnica de reprodução humana realizada por médicos, implicando a substituição da relação sexual, em que a fecundação acontece pela união do sêmen ao óvulo, ocorrendo dentro do corpo da mulher. Ela pode ser homóloga quando o espermatozoide pertence ao marido ou companheiro, sendo introduzido na mulher em seu período fértil e heteróloga quando o sêmen se encontra em um banco de sêmen, não pertencendo ao marido ou companheiro da mulher que será fecundada. Essa técnica é utilizada quando o espermatozoide do homem é insuficiente, então, são misturados ao de um doador cuja sua identidade é preservada para realizar a introdução na mulher (FERRAZ, 2011).

A reprodução humana assistida através da técnica de fertilização *in vitro* (FIV) é conhecida como “bebê de proveta”, e foi realizada pela primeira vez no ano de 1978. “Ela consiste em colher óvulos de uma mulher, fertilizando-os numa placa de *petri*, quando já transformados em zigotos, iniciando divisão celular, serão colocados dentro do útero da mulher” (FERRAZ, 2011, p.45).

A mulher, conforme o mesmo autor, passará por um processo de indução de ovulação, submetendo-se ao tratamento com hormônios para aumentar o número de óvulos que serão fecundados e implantados no seu útero. A implantação dos embriões no útero é realizada após

a fecundação do óvulo com o espermatozoide em laboratório, onde serão analisados e, após quarenta e oito horas, é verificado se ocorreu a fecundação. O ideal para a implantação é de três a quatro embriões, evitando, assim, uma gestação múltipla e perigosa para a mulher.

A fertilização *in vitro* com injeção intracitoplasmática de espermatozoide (ICSI) consiste em uma das técnicas de reprodução mais avançadas e extinguindo problemas em procriação causados por defeitos no espermatozoide, ou seja, nos casos em que ele não conseguia romper o óvulo e realizar a fecundação. Ela consiste na injeção de apenas um espermatozoide diretamente dentro do óvulo. Como primeira etapa, os espermatozoides são captados através de uma punção nos testículos; em seguida, o óvulo coletado da mulher, que já estará imerso na mesma substância usada na fertilização *in vitro* (FIV), será penetrado por uma agulha, que, nele, depositará o espermatozoide. Uma vez fecundado, o embrião será implantado no útero, onde irá se fixar dando início à gestação (QUEIROZ, 2001).

Segundo Ferraz (2011), “em face da discriminação da utilização das técnicas de reprodução humana assistida é imperiosa a necessidade de regulamentação legal da matéria, tendo em vista suas consequências jurídicas em relação à filiação a aos direitos de personalidade” (p. 57). A ausência de legislação específica sobre o tema no Brasil agrava-se ao constatar-se a existência de poucos pronunciamentos dos tribunais sobre a matéria.

Com relação às resoluções existentes, Ferraz (2011) refere que alguns projetos de lei sobre a reprodução humana assistida surgiram, dentre eles, os projetos de Lei 3.632/93 e 2.855/97, os quais, na realidade, transcrevem as disposições constantes da Resolução 1.358/92, do Conselho Federal de Medicina, sem muito acrescentarem quanto aos efeitos jurídicos da utilização das técnicas de reprodução humana assistida.

Levando em consideração os aspectos anteriormente citados, Scarparo (1991) ressalva que, nos últimos anos, foi possível observar um enorme desenvolvimento das técnicas possíveis para o tratamento da esterilidade, onde casais buscam pela realização do desejo de constituírem uma família e de transformarem-se em pais. Quando o desejo de ter um filho manifesta-se e não é preenchido, o casal passa por um período de desequilíbrio psicológico. A descoberta de infertilidade provoca, ao mesmo tempo, angústia e sensação de culpa, causando repercussões na própria vida sexual e criando novos fatores de infertilidade que, anteriormente, não existiam (QUEIROZ, 2001).

Portanto, pode-se pensar que a infertilidade e a conseqüente possibilidade de produzir e gestar um filho, através do processo de reprodução humana assistida, é uma situação geradora de ansiedades na relação do casal, tanto para aqueles que buscam essas técnicas por infertilidade, esterilidade ou por causas desconhecidas, muitas vezes psicológicas, pois o que

se tem é um desejo de constituir efetivamente uma família, sendo esta compreendida a partir dos papéis de pai e mãe com as possíveis transformações e desafios da contemporaneidade.

Importância e desafios da função paterna diante da decisão de ter um filho no contexto da RHA:

A dinâmica das relações conjugais altera-se em função de fatores culturais e socioeconômicos e do momento do processo civilizatório (OSÓRIO, 2002). Para Wagner (2011), a coexistência de configurações familiares e estruturas familiares tem se ampliado não somente no conceito de família, mas também em suas implicações na sociedade, concedendo, assim, a criação de novos paradigmas explicativos que podem dar conta dessa complexidade. Essas mudanças ocorridas na estrutura e configuração familiar estão relacionadas diretamente com a evolução da sociedade e vice-versa.

O modelo de família organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas diferentes de organização, não deixando espaço para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo. A mulher de modo submisso realizava os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, como ocupação exclusiva. Embora tais transformações repercutam na concepção de paternidade, existem ainda, no imaginário social, marcas da estrutura tradicional (GOMES, 2004).

Conforme nos diz Wagner (2002), as novas configurações familiares vêm apontando a desintegração da família tradicional e a reorganização dos papéis sociais, tanto do homem como da mulher, influenciando diretamente na organização dos papéis de pai e mãe dentro do contexto familiar.

Segundo Osório (2002), a família é a unidade básica da interação social. A palavra família não designa uma instituição padrão, fixa e invariável, pois ela adota formas e mecanismos diversificados, variando conforme as distintas épocas históricas e fatores sociopolíticos morais e psicológicos diferentes.

Cabe pensar que com essas modificações e transformações no contexto familiar contemporâneo, abre-se espaço para construir-se e reinventar-se o papel do pai não somente como provedor, mas também como um homem com uma nova postura, uma paternidade que acolhe e convive com o processo de transformação, em que o pai transita entre valores novos e arcaicos, questionando-se sobre o distanciamento imposto por determinações culturais através de várias gerações (GOMES, 2004).

Na contemporaneidade, muitos homens apresentam algumas dificuldades em relação aos seus próprios sentimentos e, por vezes, no que tange à realização efetiva do papel de pai.

Por mais que a paternidade seja vivida de forma mais intensa, a sociedade quer uma melhor atuação desse homem em relação aos seus filhos e sua família (GOMES, 2001). De acordo com Rodrigues e Gonçalves (2011), o exercício da paternidade vem sofrendo transformações na sociedade contemporânea, em que as novas configurações familiares exigem do homem-pai uma postura diferenciada, buscando ser um pai mais próximo e mais participativo.

Conforme nos diz Zornig (2010): “Os arranjos familiares não dependem somente da parentalidade, mas sim do desejo entre casais de estabelecerem relações íntimas” (p. 455), as quais são mantidas em um espaço privado e dependem somente do desejo de cada indivíduo. Porém, quando o casal almeja ter filhos, o espaço público invade o espaço privado da conjugalidade, organizando e definindo as relações de parentesco e as responsabilidades dos pais dessa criança.

Em conformidade com Kruehl e Lopes (2011), “a parentalidade centra-se na possibilidade de os genitores tornarem-se pais e mães, por meio de um processo complexo que implica níveis conscientes e inconscientes” (p. 55). As autoras conceituam a parentalidade dessa maneira a partir de uma leitura da obra de Houzel (2004) que destaca a parentalidade como a capacidade psicológica de exercer a função parental. Compreendendo inúmeros aspectos que se relacionam com a realidade psíquica de cada um dos pais, principalmente as transformações psíquicas que são produzidas em cada um deles no decorrer da gestação e do pós-parto, bem como nos cuidados parentais e nas trocas estabelecidas entre os pais e a criança.

Segundo Houzel (2004), a parentalidade distingue-se em três eixos. O primeiro é “o exercício da parentalidade” como uma função que define e organiza os laços de parentesco e transmissão de regras e valores de um grupo social. O segundo é “a experiência da parentalidade”, ou seja, as modificações psíquicas que se produzem nos pais no decorrer do processo de transição para a parentalidade. E o terceiro é “a prática da parentalidade”, englobando todo o campo de cuidados, como interações afetivas e fantasmáticas entre os pais e seu filho (HOUZEL, 2004).

Diante dessa realidade, o homem vem apresentando uma postura mais participativa, afetiva e com uma autoridade pautada na sabedoria, cuidado e preocupação com sua família e filhos. Sendo esta uma grande mudança nas relações familiares e na nova forma de pensar a paternidade e o papel do pai como uma construção social (RODRIGUES & GONÇALVES, 2011).

As autoras supracitadas ressaltam ainda que é necessário pensar nas mudanças do papel do pai no contexto familiar e social como um desafio da atualidade, onde deve estar

atento às novas exigências colocadas a esse homem, levando em consideração aspectos culturais, significados atribuídos a esse papel e também a ruptura de antigas significações.

O tornar-se pai e o desejo de ter um filho não pode ser reduzido somente ao simples fato de procriar, ele está ligado diretamente ao desejo de promover o desenvolvimento de uma criança e o de formar uma família (QUEIROZ, 2001). A busca pela paternidade, segundo o mesmo autor, é “um elemento diferenciador, traduzindo o vínculo afetivo e a entrega do amor à uma criança” (p.142). O amor é uma fonte que respalda toda a estrutura do casamento e a constituição de uma família, não existindo, assim, paternidade sem amor.

A família, segundo Nicoletti (2012), sempre ocupou um lugar privilegiado no desenvolvimento humano e na história da psicanálise, em que sua função é a de imprimir a noção de limite no ser em desenvolvimento. É no seio da família que se desenrolam os primeiros contatos com a díade prazer-realidade, sendo, no seu interior, que se descobre a barreira existente entre o querer e o ter, em meio aos vínculos intersubjetivos, que se inicia a trajetória do desenvolvimento do indivíduo. “Onde somente o pai e a mãe no contexto de uma família podem libertar o ser humano da sua própria natureza, criando condições adequadas para que ele possa construir seus próprios limites psíquicos e sociais” (p. 69).

O aspecto afetivo e o planejamento da construção de uma família também se apresentam quando é realizada uma inseminação heteróloga, onde a vontade de ser pai manifesta-se com algumas peculiaridades. O casal participa do mesmo plano, acompanhando tudo desde a concepção até o nascimento, estabelecendo um laço que os une à criança afetivamente (QUEIROZ, 2001). Esse vínculo de amor não possui relação com a filiação biológica, existindo uma concordância de ambos (pai e mãe) no projeto e desejo parental, desejo de procriar, prevalecendo o elemento afetivo sobre o biológico.

As relações de paternidade e maternidade criadas mediante as intervenções da ciência não possuem, como determinante, somente as questões biológicas como fonte única de parentesco, considera também a importância da autonomia, da vontade e da responsabilidade como elementos constituintes da paternidade, que devem sobrepor-se a qualquer vínculo sanguíneo (QUEIROZ, 2001).

O autor supracitado segue afirmando que a paternidade se aproxima, cada vez mais, de uma opção, em que a vontade de ser pai é expressamente declarada. Ela não é necessariamente ligada somente a fatores genéticos, mas se dá pelo afeto, através do amor, pois não existe nenhum gene que transmite o amor paternal, este acontece única e verdadeiramente através da vontade de ser pai e da capacidade de dar amor ao seu filho.

Assim, para Piccinini & Cols (2009), a paternidade está em processo de redefinição, de modo que alguns pais ainda desempenham seu papel de forma mais tradicional, enquanto outros apresentam uma postura mais ativa, de contato não apenas indireto com seu filho, mas com o envolvimento e participação diária. Do mesmo modo, não se pode negar que o pai ocupa um lugar diferente da mãe e tem um acesso também diferente à criança, sendo referido normalmente como o terceiro na relação, tendo em vista que o modelo da relação do pai com o bebê é importante, um olhar atento sobre a forma como os pais vivenciam a paternidade desde o início da gestação, através de técnicas de reprodução humana assistida, faz-se importante.

Metodologia:

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo, que segundo Minayo & Gomes (2012) trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, aprofundando-se no mundo dos significados, entendendo o ser humano como parte da realidade social. Sendo foco principal, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar.

Participantes:

Participaram da pesquisa 3 (três) homens-pais que tiveram filhos fruto do processo de RHA, sendo que a técnica (fertilização *in vitro*, com o próprio sêmen) foi realizada com sucesso, na primeira tentativa e esses homens já são pais, sendo esta uma amostra por acessibilidade e por conveniência. Os participantes estão identificados na tabela a seguir (tabela 1):

TABELA 1: Participantes Da pesquisa, por idade, tempo da união estável e idade dos filhos.

Pai	Idade	Tempo da união estável	Idade do(s) filho(s)
A	34 anos	14 anos	1 ano 6 meses
B	34 anos	10 anos	3 anos (gêmeos)
C	49 anos	29 anos	15 anos

Instrumentos e Procedimentos:

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com o pai, na residência do mesmo. O primeiro contato com o homem-pai foi realizado por telefone a fim de explicar os objetivos da pesquisa. Neste mesmo momento, foi agendado um dia e local para a realização das entrevistas, garantindo os direitos de sigilo e decisão de participar ou não do estudo. Após essa etapa, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Confidencialidade que foram assinados pelo pai. Esses termos garantiram o anonimato do participante, respeitando sempre os procedimentos éticos para a realização da Pesquisa em Psicologia com Seres Humanos, presentes na Resolução Nº 016/2000, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e do Conselho Nacional de Saúde, Resolução Nº 196/ 1996. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética pelo protocolo Nº 11600812.7.0000.5306.

Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do Termo de Confidencialidade, foram realizadas as entrevistas, que foram gravadas, sem tempo estimado para uma melhor fidedignidade das informações trazidas pelos participantes; em seguida, o material gravado foi transcrito para, então, ser realizada a análise dos dados. Houve o desejo dos participantes, ao término da presente pesquisa, da realização de uma devolução dos resultados alcançados, que será marcada, posteriormente, de forma individual.

Ao final da coleta de dados, ocorreu a análise e interpretação dos mesmos, através da Análise de Conteúdo, que é um conjunto de técnicas que investiga, através da descrição objetiva, sistemática e qualitativa, o conteúdo comunicado. Ela procura conhecer aquilo que está por trás das palavras, os seus significados (BARDIN, 2010). Esta análise será feita por meio de categorias definidas a partir das entrevistas realizadas.

Análise e Discussão dos Resultados:

A partir da realização das entrevistas com os homens-pais, foram elencadas três categorias de análise: *sentimentos e expectativas manifestadas nos homens/pais antes, durante e depois do processo de reprodução humana assistida; a importância do filho para a concretização e continuidade da família; e Ser pai: um desafio na contemporaneidade*, que serão discutidas e fundamentadas a seguir.

Sentimentos e expectativas manifestadas nos homens/pais antes, durante e depois do processo de reprodução humana assistida:

A primeira categoria a ser analisada neste trabalho está relacionada com os sentimentos e expectativas dos pais durante o processo de RHA, que mobilizaram, de forma

intensa, esses homens/pais, que, por alguns instantes, durante a entrevista, puderam vivenciar novamente tal processo e os sentimentos que os permearam.

Em função do número significativo de respostas, essa categoria foi dividida em três subcategorias, visando melhor organizar as falas e também contemplar os diversos sentimentos e expectativas que foram verbalizadas durante as entrevistas.

Sentimentos relacionados ao processo de RHA:

O desejo de ter um filho, durante gerações, vem carregado de significados inconscientes e de extrema importância para a formação de identidade. As inscrições psíquicas são marcas da primeira infância que podem ser atualizadas e potencializadas pelo processo de RHA, muitas vezes, podendo dificultar a concepção psíquica de uma nova vida, tornando-a, dessa forma, traumática (RIBEIRO, 2012). As tentativas de realização do desejo de conceber um filho podem trazer intensa emoção para esse homem/pai, pois tal desejo está inserido em um campo psíquico carregado de significações. É o que segue no relato abaixo:

Então, foi uma coisa assim, nossa... Angustiante. Naquela expectativa que desse tudo certo, né. Porque a gente sabia que se não desse certo, a decepção que é (...) Porque Ela [referindo-se à fertilização in vitro] te judia muito (...). Ela te tira uma energia assim que nossa (...) A nossa vida tava em função do que tava no útero da minha esposa (Pai A).

Para Farinati (2009), a infertilidade impõe aos casais, que enfrentam o temor da não realização do desejo da parentalidade, um importante sofrimento emocional e social, pois a maternidade e a paternidade fazem parte de uma cadeia simbólica constitutiva da própria identidade do sujeito.

Os relatos dos pais a seguir, mostram o quanto existe de sofrimento e ansiedade no processo, mobilizado a partir do desejo de tornarem-se pai efetivamente.

Até quando eu ia na consulta, um dia eu perguntei né (...). Eu não vejo a hora deles nascer né. Daí a dotora disse, não calma, não é a hora ainda (...). Eu ficava bem ansioso (Pai B).

Quando a minha esposa entrou no quarto para fazer a cesárea, eu fiquei apreensivo lá fora (...). Fiquei numa expectativa e curiosidade” (Pai C).

Para os três pais, o processo, de certa forma, fez despertar inúmeros sentimentos, sejam eles positivos ou não. Mas o que chama a atenção, em especial, é que, na entrevista com o Pai A, o processo desde o início foi vivenciado como uma batalha, algo muito sofrido, angustiante, como segue o relato: *“Foi batalhado, foi angustiante, nós vivemos... Nove, dez meses... Num nível de estresse, de ansiedade e de agonia que tipo assim, ele te desgasta muito*

[referindo-se a fertilização *in vitro*], e você fica muito preocupado. A gente tomava remédio pra se acalmá.” Ele afirma esses sentimentos que lhes causaram estresse e ainda diz a seguinte frase, que no momento do nascimento da filha, “Deus tirou uma carga de uns cinco mil quilos”.

Pode-se pensar diante dessa afirmativa que existia uma responsabilidade muito grande e um sentimento voltado para a concretização do desejo de ser pai, já que, além de sua esposa, ele também tinha passado por alguns problemas de saúde que o impediam de ter um filho de forma natural e/ou tradicional. Com isso, Ribeiro (2012) traz que a infertilidade pode causar estresse, alterando funções fisiológicas, inclusive, aquelas ligadas a fertilidade, formando um círculo vicioso que se retroalimenta.

Ter ou não filho:

O desejo de ter um filho não é igual para o homem e para a mulher, tendo significados diferentes e podendo surgir em momentos distintos da trajetória de vida do casal. O desejo pela paternidade está na dependência cada vez mais exclusiva de objetos narcísicos e edípicos, próprios de cada história. Na trama que é familiar e social, esses elementos narcísicos e edípicos entram em cena, dando significados e atribuindo valores ao desejo de ter filhos. A infertilidade, por sua vez, está relacionada a uma complexa inter-relação de razões biológicas, psicossociais, culturais, socioeconômicos e emocionais, podendo dificultar ou prolongar o projeto da realização da parentalidade (GASPARINI, 2009).

Dessa forma, a busca pela concretização da paternidade é repleta de desejo, podendo ser de várias ordens (familiar, social, cultural), que antecedem o problema da infertilidade. Porém, o processo em si, interfere no desejo da realização da mesma durante e depois, uma vez que a busca pela RHA ocorre, muitas vezes, com sofrimento e angústia, como nos relatos abaixo:

Eu não sei, hoje, se eu correria esse risco novamente, mas eu acho que sim (...). Olha, eu passaria tudo de novo (...). Eu faria tudo de novo. Mas só que claro, hoje mais maduro (...) (Pai A).

Eu acho que não faria mais (...). Mexe muito com o emocional da gente.” (Pai B).

A segunda tentativa a gente teria que pensar bem antes (...). Talvez na época até teve o desejo de ter mais filhos, mas a idade que a gente tem hoje, analisa de uma forma diferente (...). Hoje, eu diria não.” (Pai C).

A forma como se concretiza o desejo de ser pai nesta realidade entra em evidência no relato do Pai B, que relaciona o gestar e conceber o filho por intermédio da RHA como “*um processo mecânico, não humano*”, ocasionando sofrimento e algumas resistências em relação

ao processo e também culpabilização pela impossibilidade de ser pai de forma natural/tradicional.

O processo de RHA, conforme Ribeiro (2012) favorece a intensificação das expectativas e das frustrações do desejo de conceber, criando uma espécie de “montanha-russa emocional”, proporcionando, assim, uma situação propícia para abalos psíquicos, já que, muitas vezes, a condição de (in)fértil expõe a vida dos casais. Quando a concepção de um filho não é possível, ocorre um rompimento na cadeia de gerações, ruptura que é acompanhada de um intenso sofrimento, pela não realização do desejo de ter um filho.

A experiência da infertilidade promove um abalo considerável na economia narcísica do sujeito e do casal de forma em geral, evocando poderosas e assustadoras fantasias e estimula a inveja em relação a casais que podem ter filhos de forma natural/tradicional (RIBEIRO, 2012).

Outro aspecto importante referido pelos homens/pais participantes da pesquisa diz respeito à questão financeira, com relação a isso, os pais relatam:

Era um momento que tipo assim, de toda a situação financeira que não é uma coisa tão barata e assim, tu tem aquele medo (...). Então, nós fomos preparados sabendo que poderia dar certo, como poderia dar errado” (Pai A).

Quando nós decidimos, na verdade, na época, precisava de 10 mil reais né. E daí, na verdade, a gente não tinha né (...). A gente tinha medo de não dá certo (Pai B).

Na época, digamos assim (...), nas condições financeiras que a gente tinha, tava com a vida no início. No início do casamento que era arriscar aquele dinheiro, que não era, quase o suficiente pra essa situação, porque na época custava, digo eu hoje, mais ou menos, o valor de um carro popular (Pai C).

O investimento financeiro verbalizado pelos homens/pais aparece como algo que, em determinando momento, dificultou o processo, trazendo a ideia de que a realização da paternidade fosse inalcançável. Além disso, pensando em aspectos subjetivos desses pais, a não realização da paternidade e a concretização desse desejo de ser pai prolongou-se juntamente com as incertezas em relação ao processo dar certo ou não, em relação ao casal e as possíveis mudanças advindas da gravidez, em relação à criança que será fruto do processo, que não é natural. Enfim, essas incertezas geraram nesses pais um investimento muito maior que o financeiro, mas a dúvida de como é ser pai e, mais ainda, perpassado por um processo de RHA, já que esta traz consigo uma possibilidade efetiva de construção e alcance do tão sonhado desejo de se tornar pai.

Alguns Mecanismos de Superação:

Quando o psiquismo é invocado a participar do processo de RHA é porque as respostas que o corpo apresenta não são capazes de prover, aumentando a culpabilização do casal infértil. O valor consciente do pensamento positivo (que está ligado à possibilidade de ter um filho) pode dar ao sujeito a condição que antes faltava, sendo brindado, assim, com a graça da fertilidade (FARINATI, 2009).

Como se pode visualizar nas entrevistas com os pais, a projeção feita antes, durante e depois do processo, de certa forma, surtiram bons resultados e também certo conforto emocional. As crenças depositadas em momentos de angústia impulsionaram esses homens/pais a não desistirem da busca pela realização do desejo da paternidade, dando, assim, continuidade ao processo de constituição da parentalidade.

Depois que Deus entrô na nossa vida, aí então, deu certo e nós acreditamos (...). E deu tudo certo (...). Deus fez as coisas muito rápidas pra nós, muito certa. Deus foi tão generoso que na primeira foi. Deu certo (Pai A).

Graças a Deus, deu tudo certo. Graças ao bom Deus que deu certo na primeira. A gente só tem a agradecer a ele pela benção (Pai C).

Conforme nos diz Ribeiro (2012), nos discursos dos sujeitos inférteis, encontra-se uma busca por algo que justifique a infertilidade como um castigo divino, quando o casal não é abençoado com um filho. As referências feitas a Deus podem revelar o funcionamento de um superego onipotente, que é reativado pela própria situação da infertilidade, pensando que o desejo de ter um filho está vinculado irremediavelmente a uma ferida narcísica.

Nós fizemos uma promessa (...). Se desse certo, nos colocaríamos o nome de santo. Independente de piá ou menina seria um nome de santo né. Até nisso a gente se apegou, e graças a Deus, foi maravilhoso” (Pai A).

A busca por algo que signifique a realização do desejo de ser pai é depositada no relato acima em Deus, como se esse momento fosse, de fato, sagrado, divino, que não pudesse ser vivido como algo vindo somente do casal. E mais uma vez reforçando aspectos de certo sofrimento, que se perpetua diante do discurso de não poder ter um filho de forma natural. Como se, naquele momento, Deus tivesse presenteando-o com um filho, algo que, entre o casal, não era possível de realizar-se sem a ajuda médica e divina.

Meu Deus do céu, foi muita emoção. Não tem dinheiro que pague (Pai B).

A gente agradece a Deus e pedia muito na época, que o filho que viesse, viesse com saúde, que viesse perfeita, porque a nossa maior preocupação seria que a filha ou o filho que nascesse, viesse com perfeita saúde (Pai C).

Ter um filho saudável é outro aspecto destacado pelos pais entrevistados, pois é prova de que o interior de seu corpo não foi danificado pelas fantasias da não realização da paternidade, que, de fato, se estabelece quando se está diante do filho, repleto de significados e desejos depositados por anos (RIBEIRO, 2012). A preocupação em especial do Pai C, era que o filho(a) viesse bem, com saúde e, por mais que o processo de gestar e tornar-se pai não fosse o tradicional, a partir de uma relação entre o casal e sim pela ajuda da medicina, esse filho tivesse características parecidas com a dele. Porque, para a grande parte das mulheres, o gestar por si só já realiza a maternidade, mas, para alguns homens, a realização efetiva da paternidade dá-se no nascimento, principalmente se forem marcadas, no bebê, características do pai.

O Pai C trouxe outro aspecto muito importante, depois que o gravador foi desligado, que se relaciona diretamente com questões de identificação e reconhecimento do bebê supracitadas. Ele fala que a primeira coisa que percebeu, na filha, foi o “dedinho do pé”, que é igual ao dele, na mesma posição, um sobre o outro. Ele fala com tanta propriedade esse fato, como algo que comprova a sua ligação efetiva com a filha e a realização do seu desejo.

Conforme diz Lebovici (2004), a parentalidade é bem mais que um fato biológico, ela começa pela aceitação que herdamos de nossos pais, que se trata não somente de uma herança genética, mas uma transmissão geracional. Para Gutfreind (2010), ser pai, ou ser mãe, não se resume simplesmente em gerar, mas transcende a capacidade de narrar e significar o lugar do filho, bem como o seu próprio lugar na trama familiar.

Assim, nesta categoria, percebeu-se que, além do desejo que permeia a vida desses homens/pais em busca de realização da paternidade, inúmeros sentimentos manifestaram-se, aspectos psíquicos e inconscientes que fizeram a todo o momento parte do processo, bem como da significação de ser pai e do lugar que este ocupa com a ajuda da RHA.

A importância do filho para a concretização e continuidade da família:

O desejo de ter um filho, para algumas pessoas, é inato, como uma peça ímpar para a concretização efetiva de uma família, sendo investido diariamente, sobretudo, num processo de RHA. Investimento que não é somente financeiro, mas também psíquico, carregado de sentimentos que se relacionam diretamente com essa experiência.

Nesta categoria, serão contemplados aspectos que se relacionam com a concretização e continuidade da família com a chegada do filho, como esses homens/pais experienciaram e perceberam essa chegada no convívio do casal, qual a importância e lugar que atribuem para esse filho na sua vida, já que, para a grande maioria dos homens, diferentemente da mulher, é

somente no nascimento que eles inscrevem-se socialmente como pai (ROSA, 2009), bem como se houveram ou não mudanças em relação do casal durante o processo de RHA.

Para Farinati (2009), ter filhos é uma parte fundamental do projeto de vida da maioria dos casais, constituindo um passo para o alcance da maturidade e o cumprimento de um importante papel social, ser pai e ser mãe. Pode-se perceber essa afirmativa no relato abaixo,

Uma família, você não consegue construir só em dois (...). Se nós não teríamos um filho não ia ser uma coisa completa (...) porque faltava (...), faltava o principal, que era o nosso pedaço, o nosso sangue (Pai A).

Quando o casal decide ter um filho e a reprodução parece impossível, esse projeto pode tornar-se ainda o mais importante de suas vidas, fazendo com que enfrentem os obstáculos que surgem ao longo do processo e utilizem recursos pessoais para dar conta dessa experiência (SOUZA, 2009).

Conforme Lesourd (2005), o filho torna-se um testemunho do amor entre o pai e a mãe, e o amor do pai dirigido ao filho inscreve-se como segundo (sendo aquele que a mãe designa), como traço do amor do homem pela mulher que se tornou mãe.

Depois que eles nasceram, eu aprendi um jeito novo de amar, é uma coisa que vem da gente, é eterno (Pai B).

Em relação ao desejo pela paternidade, os homens/pais entrevistados relatam sobre o amor que é manifestado através da concepção e nascimento do filho. Amor que vem a tona quando estão diante da possibilidade de ser pai, que é construído a partir de um desejo que antecede o nascimento, como se pode perceber nos relatos abaixo,

Até que o casal é marido e mulher, são dois, e depois começa a ser três (...). O amor que um pai sente por um filho ou por uma filha, não é o mesmo amor de marido e mulher. Ele é diferente, ele é mais forte. Antes de ser pai não imaginava que era tão forte esse amor de pai pra filha (Pai C).

O amor de pai pra filho é incondicional, depois que você tem um filho, você vê que é totalmente diferente, o teu sentimento (Pai A).

Assim, o desejo de ter um filho e amá-lo inclui o desejo de ver refletido nele as marcas da própria criatividade e da própria capacidade de gerar e educar (BRANZELTON & CRAMER, 2002).

Com relação à condição dos homens participantes desta pesquisa em tornarem efetivamente pais, vem à tona a importância de marcar o seu lugar e participação no processo de RHA, se empoderando de algo que também é seu, o filho, que nasce muito antes da gestação e do nascimento propriamente dito. Ele nasce através do desejo que se inscreve nesse homem, através do amor que é dedicado a um sujeito que ainda não conhece, mas que já faz

parte de sua vida, direcionando-lhe um intenso investimento de afeto, que dá sentido e condição para a concretização do desejo de ser pai, seja por meio da RHA ou de forma natural, como segue no relato abaixo,

Minha alegria foi muito grande em saber naquele momento em diante a minha esposa poderia estar grávida. Veio uma enfermeira com a B. [filha] no colo, o meu coração bateu forte e foi exageradamente (...). É uma alegria que a gente não espera (...). Bateu forte meu coração, muita felicidade (Pai C).

O nascimento, conforme Szejnar e Stewart (1997) é um acontecimento marcante para o casal, sendo carregado de emoções, como alegria, medo, ansiedade, que fazem parte de todo processo gestacional, tanto para o homem como para a mulher. No relato anterior, percebe-se o quão marcante foi o nascimento da filha e, antes disso, a possibilidade efetiva de tornar-se pai.

Em relação ao processo de RHA e ao nascimento do filho, para os pais entrevistados, juntamente com a realização da paternidade, pode-se perceber alguns aspectos que o diferenciam do conceber de forma natural. Entre eles, a incerteza, relacionada à possibilidade ou não de ser pai efetivamente, já que não participaram diretamente do processo, existindo, assim, uma terceira pessoa na relação do casal, que seria o médico. Esta incerteza apareceu subentendida no relato do Pai B, e mais especificamente quando ele diz que o que mais ele esperava era que o filho viesse perfeito, sem nenhum problema. Diante dessa afirmativa, pode-se ter uma ideia sobre como foi para esse homem a desconstrução do tornar-se pai de forma natural, já que, para ele, não era possível vivenciar essa experiência, necessitando “dar conta” de seus próprios desejos e o fato real em que se encontrava, “dependendo” e apostando, se não todas, uma grande parte das expectativas nessa terceira pessoa, o médico, que, de certa forma, seria o responsável por torná-lo pai, por meio da RHA.

Outro aspecto importante está ligado diretamente ao sofrimento em relação ao processo, que vem sendo marcado desde o início, como algo muito angustiante, por vezes, estressante causando medo, insegurança, dentre outros sentimentos, até mesmo impotência, por não ter, de fato, o controle da situação. Com isso, potencializando ainda mais a necessidade efetiva de marcar o seu lugar na relação estabelecida entre mãe-bebê e na própria conjugalidade, tomando, para si, algo que também é dele, e que é dele desde o início, desde a concepção, mas que precisa ser reafirmado e nomeado, a partir do nascimento, para que, assim, seja melhor elaborado e significado.

Eu me lembro, que o meu primeiro carinho nela, foi com o dedo tocando na cabecinha dela, porque, no momento, eu não sabia nem o que fazer de contente (Pai C).

Com relação ao que foi acima mencionado, Weber (2009) traz que, em todos os relacionamentos humanos, é preciso estar constantemente ajustando-se à relação, que é sempre dinâmica, não existindo receitas de “relação perfeita”, nem receita de felicidade, precisando sempre ver novas possibilidades em relação à vida e ao outro.

Pode-se perceber que a busca pela continuidade da família é algo marcante nas entrevistas, principalmente com o Pai A e o Pai C, que depositam, na realização da paternidade, a continuidade da família, além do laço afetivo com os filhos, através do amor incondicional. Para Wagner (2005), a transgeracionalidade é a repetição, reedição e reprise de alguns processos familiares, que são transmitidos pela família de uma geração a outra e que se mantêm ao longo da história familiar, em que o indivíduo se inscreve numa história preexistente. Para Cypel (2012), os pais constituem o filho como portador de seus sonhos, de seus desejos não realizados e o narcisismo daquele inscreve-se sobre o dos pais.

Além dos aspectos anteriormente mencionados, outro dado importante de pesquisa que é referido pelos pais durante as entrevistas está intimamente ligado às mudanças que ocorreram na vida e sexualidade do casal, advindas em virtude do processo pelo qual vivenciaram, bem como do nascimento do filho desejado. É o que observamos nos seguintes relatos:

A vida de casal muda totalmente (...). A vida sexual muda totalmente (...) você não tem mais aquela liberdade (...). Não tem mais quantidade, você tem qualidade na vida sexual (...). Às vezes, você parece mais irmão do que casal (...). Mas vale a pena abrir mão de certas coisas por um filho (Pai A).

Sempre muda né (...), mas vale a pena esse esforço (Pai B).

Claro que sim (...) uma coisinha mudô sim, mas acredito que dentro da normalidade (...) eu não via nenhuma dificuldade enquanto a minha esposa estava grávida [referindo-se à relação sexual], eu sempre fui um ser humano de respeito (...) tentei me controlar (Pai C).

Assim, com relação às mudanças na vida e rotina do casal, os entrevistados relataram questões voltadas à sexualidade, pontuando que existiram mudanças, mas que não interferiram na intimidade e relação desse par conjugal. A partir do gestar, seja pela RHA ou de forma natural, o casal irá deparar-se com algumas situações, precisando, dessa forma, reajustar-se a atual condição. Segundo Eizirik (2001), o casal terá inúmeras tarefas de ajustamento psicológico a cumprir com o nascimento do filho e o exercício da função paterna, vista como uma fase do desenvolvimento, contém em si o potencial para tornar-se uma oportunidade de renovação e enriquecimento da personalidade.

Sendo assim, pode-se perceber, nesta categoria, que o significado da importância do filho e da continuidade da família está intimamente relacionado ao processo de RHA, que

possibilitou aos homens/pais a efetivação da paternidade, marcando, assim, seu lugar na concepção do filho, na relação entre mãe-bebê, pai-bebê e na relação como casal, apesar de algumas mudanças ocorrerem. Todas essas realidades são perpassadas por inúmeras situações, que esse homem, antes de ser pai, necessitou ressignificar para si próprio o seu lugar no contexto da parentalidade, para, assim, inscrever, no filho, o amor incondicional que surge somente com a sua realização.

Ser pai: um desafio na contemporaneidade:

Como já referido nas categorias anteriores, o tornar-se pai, a partir do RHA, trouxe inúmeras incertezas e questionamentos, que não se distanciaram do conceber de forma natural/tradicional, mas que precisaram ser elaboradas e significadas para que, assim, pudessem efetivamente encontrar e usufruir do seu lugar na parentalidade.

Nesta última categoria, serão contemplados aspectos relacionados aos desafios de ser pai na contemporaneidade, a partir dos relatos dos entrevistados que, segundo relato do Pai C “*é igual a qualquer um pai*”. Quando o entrevistado verbaliza que os desafios de ser pai é igual a qualquer outro pai demarca efetivamente o seu lugar socialmente, por mais que a realização do desejo de ser pai não tenha sido natural, após o nascimento, os desafios e cuidados direcionados ao filho são os mesmos que qualquer pai dedicaria a um filho concebido de forma natural.

Pode-se perceber também que, durante o processo gestacional, esse homem/pai vivenciou um intenso sofrimento, angústias e medos relacionados a RHA e como, de fato, seria esse filho, que foi tão esperado e desejado para a realização da paternidade. Com o nascimento do filho e a realização da parentalidade, muitos desses sentimentos foram substituídos e deslocados, abrindo-se, então, um espaço para o início de um novo momento entre pai-bebê e entre o próprio casal, onde se fez necessário repensar e reestruturar alguns funcionamentos que farão parte do cotidiano da família. Levando em consideração a RHA e a concretização da paternidade, pode-se notar que após o nascimento, o fato do filho ser fruto desse processo não interferiu na relação e dinâmica familiar, vivenciando de uma forma mais “naturalizada” sem deixar que os vínculos construídos fossem afetados por ela (RHA).

Conforme afirmam Staudt & Wagner (2008), o papel do homem aparece como uma transformação importante nas relações parentais da família contemporânea e o exercício da paternidade tem acontecido de maneira cada vez mais participativa. Com relação às entrevistas, algo comum em todas foi o desejo de proporcionar uma boa educação para os filhos, dar exemplos, como se constata nos relatos abaixo:

O maior desafio de ser pai, hoje, é a educação, dar uma educação boa, qualidade de vida boa pra ela (...). O que mais me preocupa, é a educação dela, a vida dela (...). O meu medo é o mundo (...)" (Pai A).

Hoje, tem que pensa que tem mais duas crianças, dá educação, dá o exemplo prá eles (Pai B).

Em relação ao desafio de ser pai é de procurar o melhor pra minha filha em termo de educação, que é o que eu mais ganhei dos meus pais (Pai C).

A importância dada ao fator educação, como um desafio na contemporaneidade, é algo presente no discurso da maioria dos pais hoje, e está intimamente atrelada a um cuidado que diz respeito, ou não, ao que receberam na infância e na sua construção como sujeito. Conforme Wagner (2005), a perpetuação do patrimônio psíquico da família faz parte da construção de cada sujeito, sendo através da educação que os pais vão atribuindo significados em relação às experiências dos filhos, possibilitando ou dificultando conquistas, incentivando ou não sonhos.

Pensando ainda nesta mesma perspectiva, os pais desejam que seus filhos adquiram uma estrutura de valores que facilitem seu desenvolvimento em relação ao mundo, os filhos são agentes ativos na dinâmica familiar, existindo um movimento consciente dos sujeitos envolvidos nesse contexto, de reiterar e validar as vivências familiares, buscando perpetuar a educação recebida pela família de origem (WAGNER, 2005). É o que se pode perceber em um trecho da entrevista com o pai C:

O que é o que eu mais ganhei dos meus pais, principalmente do meu pai (...) foi a educação, ser uma pessoa do bem (Pai C).

Pensando sobre essa perspectiva de educação e transmissão de valores que se perpetua na trama familiar, ficou evidente o investimento feito nesse filho, que foi concebido através de um desejo intenso, que vem sendo alimentado por gerações. O estabelecimento de vínculos também faz parte do funcionamento familiar, que necessita ser complementado diariamente, para que, assim, vá ao encontro com tal investimento e possa ser, de fato, uma demanda de afeto, digna de uma família contemporânea. Porque, de fato, esse pai depositou o que havia de melhor para a construção e realização do seu desejo e, com o nascimento do filho, dará continuidade ao que já havia herdado de seus pais, herança que só tem sentido quando vivenciado, como se percebe na fala do pai A,

Você se torna como se fosse um leão na selva, você faz de tudo pra defender teu filho. É maravilhoso (...). É gratificante você ser pai. Chegar em casa, ela vai te esperando, vai te chama de pai, vai te dar um sorriso, vai te pega na mão, vai mostrá que você é a fortaleza dela que é a estrutura dela (Pai A).

Pode-se afirmar, assim, que ser pai na contemporaneidade, diante de uma realidade de RHA, a partir das entrevistas realizadas, é um desafio diário, que convoca esse homem/pai a participar e envolver-se, de fato, com as nuances que perpassam a constituição e construção da paternidade, bem como os significados que esse filho traz para a continuação e perpetuação transgeracional, através dos valores e das trocas de afeto que são essenciais para toda e qualquer forma de relação.

Considerações Finais:

O tornar-se pai vem sofrendo inúmeras transformações na contemporaneidade, principalmente através de uma implicação mais efetiva desse homem/pai no exercício da função paterna, independente de forma como se alcançou tal desejo. Ser pai por meio da RHA traz inúmeros significados e sentimentos, que são manifestados durante todo o processo, como foram visualizadas nas entrevistas com os homens/pais participantes da pesquisa. Esses sentimentos estavam muito atrelados antes e durante o processo sobre como seria efetivamente ser pai por meio da fertilização *in vitro*, mas que, após o nascimento, o processo em si não fez uma diferença significativa.

A partir das entrevistas com os homens/pais, foi possível alcançar os objetivos propostos pela pesquisa, percebendo que as implicações da RHA na realização do desejo de ser pai trouxeram consigo inúmeras significações, que demandaram desses homens um investimento intenso em relação ao seu papel, tanto na relação conjugal como na relação parental. As mudanças em relação à conjugalidade, segundo esses pais, fizeram parte da escolhapela RHA e, por isso, não interferiram na relação e no convívio do casal, porém, necessitaram de readaptações no cotidiano e vida familiar.

De certa forma, o nascimento trouxe consigo inúmeras redefinições, bem como um novo lugar que os protagonistas dessas histórias familiares ocuparam, e, em especial, o homem, diante de suas atribuições e desafios frente a essa nova função a ser desempenhada, que é a paterna. Com relação às entrevistas, todos os participantes, quando questionados sobre os desafios de ser pai na contemporaneidade, responderam educação, transmissão de valores, como algo que mais desejam repassar para seus filhos, já que receberam de seus pais.

A transgeracionalidade foi algo muito marcante nas entrevistas, sendo verbalizado de uma forma intensa por cada um desses homens/pais, que, conforme Gutfreind (2010): “Para sermos pai e mãe efetivamente, precisamos estar em dia com as nossas próprias histórias. Somos pai e mãe porque podemos transmitir raízes que geram troncos, que geram galhos, que geram frutos. Geramos e transmitimos porque podemos conta”. E ao refletir-se acerca do que

foi referido pelos pais participantes nas entrevistas, de fato, pode-se verificar que independente da forma como esse filho tão desejado veio ao mundo, e antes disso foi concebido, chega-se ao ponto principal da pesquisa que está atrelado ao significado que essa criança tem para esse homem que se tornou efetivamente pai, e, principalmente, para a concretização e continuidade da família.

Com relação ao processo de RHA, para esses homens a realização das entrevistas proporcionou um momento de escuta e significação acerca de tal processo, que, conseqüentemente, trouxe à tona todo o sofrimento vivenciado, manifestado também na pesquisadora, que acolheu, em todos os momentos, esses pais, deixando-os livres para seguir ou não com seu relato. De forma singular, cada homem manifestou seu sofrimento e como foi o processo.

Considerando os aspectos acima mencionados, entende-se que conforme a literatura revisada, o homem/pai conquistou um lugar muito importante na parentalidade a partir da RHA, implicando também uma mudança de papel na mulher, abrindo espaço para que esse pai participe mais da vida e da construção de seus filhos como sujeitos.

Além disso, esta é uma temática que necessita de mais pesquisas, que possibilitem a esse homem um espaço de construção e significação de seus sentimentos, que independente da forma como se tornou pai e realizou seu desejo pela parentalidade, muitas questões precisam ser elaboradas, para que, assim, ele possa assumir efetivamente o seu lugar e sua função na relação com seu filho.

BECOMING FATHERS: IMPLICATIONS OF ASSISTED HUMAN REPRODUCTION OF AND FATHERHOOD

Abstract:

Nowadays, in this context, the Family is suffering several transformations as part of being man-parent. The Assisted Human Reproduction maybe accompanied by the wish of becoming parents and the possibility of being part of the natural procreation process as a goal to allow people with infertility and sterility problems become parents. This investigation allows people to understand, once they become parents, the object of the Assisted Human Reproduction process, to be able to decide, plan and investigate any possible changes in the couple, during the procedure and, identify any challenges on parenthood, by this method. This was done only by qualified investigation. Three parents that followed this 'in-vitro' method have participated on this study. They attended several interviews on the matter, carried on by a qualified Technical Analyst. It is understood that man-parent reached an important place in parenthood, revealing, by this method times of extremely anxiety and distress, although the paternal function and dedication towards his son is the same in both, about the literature transmitting values and making him to re-adapt to his marital relationship and parenthood.

Keywords: Paternity; Assisted Human Reproduction; Parenthood.

VOLVERSE PADRES: LAS IMPLICACIONES DE LA REPRODUCCIÓN HUMANA ASISTIDA PARA LA PATERNIDAD

Resumen:

La familia viene sufriendo innumerables transformaciones en la contemporaneidad, bien como el papel del hombre/padre en ese contexto. La reproducción humana asistida puede acompañar el deseo de volverse padre, siendo una posibilidad de, efectivamente, realizarlo, se trata de la intervención del hombre en el proceso de procreación natural, con el objetivo de permitir que las personas con problemas de infertilidad y esterilidad alcancen el deseo por la paternidad. La presente investigación tuvo como objetivo comprender, a través del volverse padre, cual es la experiencia del hombre delante del proceso de reproducción humana asistida, buscando también entender el proceso de decisión y planes del padre delante de la RHA, investigar se hubo cambio en la relación de la pareja durante todo el proceso e identificar los desafíos de la función paterna en el contexto de reproducción humana asistida. La investigación fue desarrollada bajo el abordaje cualitativo e investigador. Participaron del estudio tres hombres/padres que tuvieron hijos, fruto del proceso de RHA (fertilización *in vitro*). Los datos, por otra parte, fueron recogidos por medio de entrevistas semi-estructuradas. Las declaraciones de los participantes del estudio fueron analizadas por la técnica de Análisis de Contenido. Se entiende que el hombre/padre conquistó un lugar muy importante en la paternidad, constatándose que ser padre por medio de la RHA o de forma tradicional revelan, en sí, momentos de extrema ansiedad y angustia, pero la función paterna y cuidados dedicados a l hijo es la misma en ambas, conforme la literatura, la también como la transmisión de valores, convocando a ese padre a readaptarse, de una manera efectiva, a su nuevo lugar tanto en lo marital como en la paternidad.

Palabras-clave: Paternidad; Reproducción humana asistida; Parentalidad.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRANZELTON, T. B.; CRAMER, B.G. **As primeiras relações**. 2ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2002.

CAMARGO, R. P. Panorama nacional da infertilidade. In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistidas: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

CYPEL, L. R. C. Psicanálise dos vínculos de família e casal e a subjetivação do individuo nos tempos atuais. In: GOMES, I.C.; FERNANDES, M.I.A.; LEVISKY, R. B. **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zogodoni Editora, 2012.

CAVAGNA, F. Tratamento da infertilidade: reprodução humana assistida. In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistidas: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

EIZIRIK, C. L. **Ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artemed, 2001.

FARINATI, D. As causas multideterminadas da infertilidade. In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistida: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

FERRAZ, A. C. B. B. C. **Reprodução humana assistida e suas consequências nas relações familiares: a filiação e a origem genética sob a perspectiva da repersonalização**. Curitiba: Juruá, 2011.

FREITAS, M; SIQUEIRA, A. A. F; SEGRE, C. A. M. Avanços em reprodução assistida. **Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 18, n. 1, abr. 2008.

GASPARINI, E. V. R. Quando o paciente simula o desejo de ter um filho. O que fazer? In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistida: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

GOMES, I. C. O sintoma da criança e a dinâmica do casal na prática do psicodiagnóstico infantil. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: NAU, 2001.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia Teorias e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 2, Ago. 2004.
GUTFREIND, C. **Narrar ser mãe, ser pai & outros ensaios sobre a parentalidade**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

HOUZEL, D. As implicações da parentalidade. In: SILVA, M.C.P.; PONTON, L.S. (org.). **Ser Pai, Ser Mãe: Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KRUEL, C. S.; LOPES, R. C. S. Tornar-se pai, tornar-se mãe de um bebê com malformação cardíaca congênita: as repercussões do diagnóstico na paternidade. In: JAEGER, F. P.; KRUEL, C.S.; SIQUEIRA, A. C. **Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para a psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

LEBOVICI, S. Maternidade. In: COSTA, G.; KATZ, G. **Dinâmica das relações conjugais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

LESOURD, S. O pai é sempre prematuro. Do real do pai ao pai real. In: MOURA, M. D. (org.) **Psicanálise e hospital: novas versões do pai e reprodução assistida e UTI**. Belo Horizonte: Autentica. FHC – FUMEC, 2005.

MAKUCH, M. Y.; KAHALLE, E. P. Estudos em psicologia e reprodução humana assistida (RHA). In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistida: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

NICOLETTI, M. A. Q. Processos de intersubjetivação na adolescência: o papel da família. In: GOMES, I. C.; FERNANDES, M. I.; LEVINSKY, R. B. **Diálogos psicanalíticos sobre família e casal**. São Paulo: Zagodoni, 2012.

OSÓRIO, L. C. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
PICCININI, C. A.; GOMES, A. G.; MOREIRA, L. E.; LOPES, R. S. Expectativas e sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. **Psicologia: Teorias e Pesquisa**, Brasília, v. 20, n. 3, Dec. 2004.

QUEIROZ, J. F. **Paternidade: aspectos jurídicos e técnica de inseminação artificial**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

RIBEIRO, M. F. R. **Infertilidade e reprodução assistida: desejando filhos na família contemporânea**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

RODRIGUES, P. M.; GONÇALVES, C. S. Pai deve participar: reflexões sobre a paternidade na atualidade. In: JAEGAR, F. P.; KRUEL, C.S.; SIQUEIRA, A. C. **Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para a psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

ROSA, C. D. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Natureza Humana**, v. 11, n. 2, jul. dez. 2009.

SCARPARO, M. S. **Fertilização assistida: questão aberta: aspectos científicos e legais**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. **Paternidade em tempos de mudança**. Psicologia: teorias e práticas. Porto Alegre, v.10, n. 1, fev. 2008, pg. 174-185.

SOUZA, S. L. Alterações emocionais como causa da infertilidade In: MALAMED, R. M.; SEGER, L.; BORGES, E. J. **Psicologia e reprodução humana assistida: uma abordagem multidisciplinar**. São Paulo: Santos, 2009.

SZEJER, M.; STEWART, R. **Nove meses na vida da mulher: uma aproximação psicanalítica da gravidez e do nascimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

TRAVAIN, A. S. A. Infertilidade: um gestar além dos 9 meses. In: OUTEIRAL, J; FISCHER, V. M.; LEÃO, A. **Winnicott: seminários curitibanos**. Curitiba: MaresfieldGardens, 2012.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, jun. 2010.

WAGNER, A. **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WAGNER, A., FALCKE, D. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. WAGNER, A. **Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. **Desafios psicossociais da família contemporânea:** pesquisa e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.

WEBER, L. N. D. **Laços de ternura:** pesquisas e histórias de adoção. Curitiba: Juruá, 2009.

Data de recebimento: 11/05/2015.

Data de aceite: 01/11/2017.

Sobre as autoras:

Camile Haslinger é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano. Especialista em Psicologia da Saúde e Hospitalar pela Faculdades Pequeno Príncipe - FPP. Atua como Psicóloga Clínica e Hospitalar. Endereço Eletrônico: camile_bottega@hotmail.com

Cristiane Bottoli é graduada em Psicologia pela Universidade de Passo Fundo, Especialista em Desenvolvimento Infantil pela UNISC, Mestre em Psicologia com ênfase em Psicologia da Saúde, pela Universidade Federal de Santa Maria. Atualmente é Professora Adjunta do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano. Endereço Eletrônico: cbottoli@hotmail.com